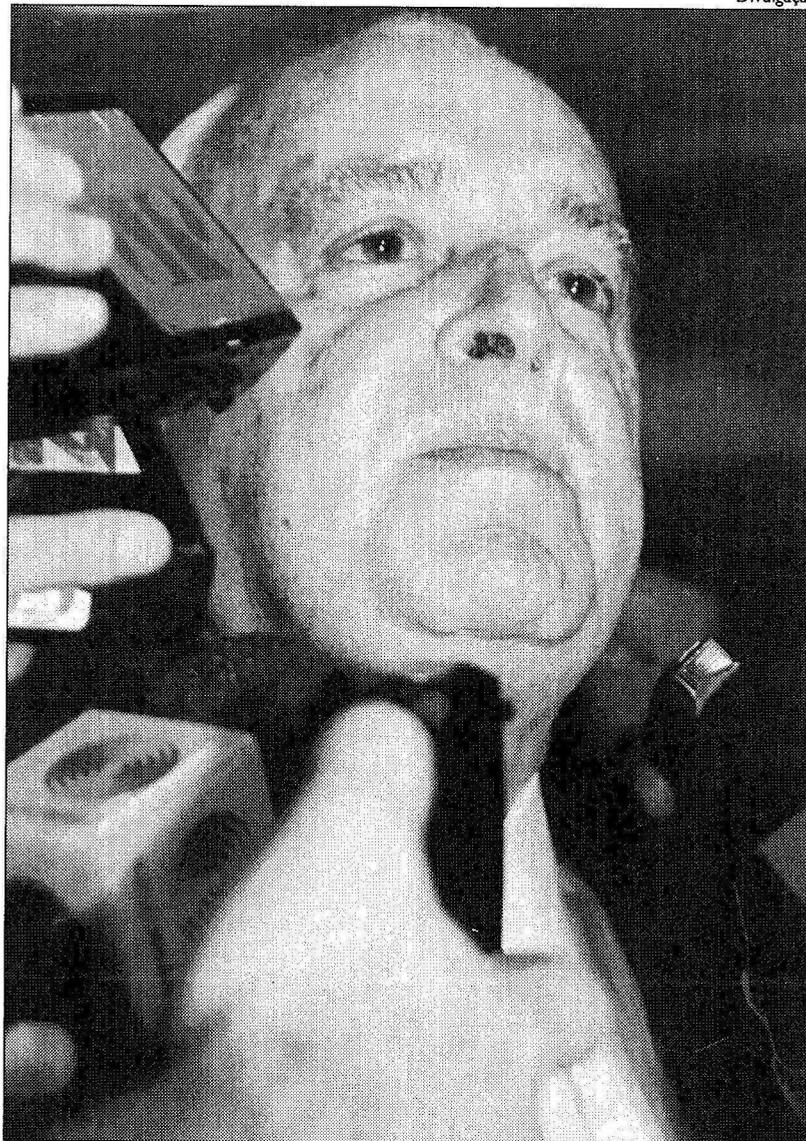


Na roda com ACM

Depois de treze anos, Senador Antonio Carlos Magalhães aceita participar do *Roda Viva* da TV Nacional. A entrevista foi ao ar na última segunda-feira

Foi um momento muito esperado. Treze anos de programa *Roda Viva* se passaram antes que o todo-poderoso presidente do Congresso Nacional Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) se dispusesse, por fim, a colocar-se diante da bateria de perguntas que o programa de entrevistas invariavelmente suscita - na noite da última segunda-feira, dia 28. Com expressão benigna, ACM esteve durante uma hora e meia diante da (talvez tímida) inquisição dos tarimbados jornalistas Roberto D'Ávila, Fernando Rodrigues, Maria Inês Nassif, Ricardo Noblat, José Nêumane e Vera Souto - esta última com as perguntas dos telespectadores.

Nada que assustasse. Estranhamente - e a despeito de ser uma já tradicionalíssima tribuna para a manifestação e discussão de algumas das mais contundentes questões da vida nacional -, esta edição do *Roda Viva* não pareceu ter arrebatado com a intensidade desejável oportunidade tão rara quanto esta - de trazer à tona algo mais quanto à fortíssima figura de ACM: não é à toa, afinal, que o senador é considerado um dos maiores poderes deste vasto País. E, sendo assim, muitas perguntas se fazem pertinentes - algumas delas impronunciáveis pela mídia. Mas por isso mesmo foi ainda mais apta a pequena apresentação do jornalista Paulo Markun, mediador do *Roda Viva*, antes da entrevista: exibidos trechos de entrevistas antigas com nomes de peso do cenário político nacional de hoje e do passado, o mediador lembrou que "é bom a gente ter memória pra lembrar de algumas coisas que foram ditas neste país". Bem lembrado - ainda que nada de mais se tenha feito lembrar sobre o convidado do dia. (Apesar de iniciativa louvável, ficou no telespectador a vontade frustrada de ver, isso sim, nosso importante senador diante



Divulgação

ACM esteve anteontem no *Roda Viva* da TV Nacional

de uma roda-viva ainda mais contundente de perguntas.) Ainda na apresentação, a pertinente lembrança de um fato: ACM - de personalidade forte e língua afiada - passou por três regimes políticos, doze presidentes da República e "sobreviveu a tudo e a todos". Afinal, talvez haja alguém que ainda não o saiba.

Com a segurança, portanto, que lhe deram seus 71 anos de vida e os 40 à frente do poder - ele já foi deputado federal, prefeito de Salvador, três vezes governador da

Bahia, senador da República e, ainda mais importante, ministro das Comunicações -, Antonio Carlos Magalhães saiu-se bem diante das perguntas dos entrevistadores. (Não houve impertinência, embora a ocasião fosse tentadora para o exercício deste pequeno e por vezes - quando bem dosado - saudável artifício do bom jornalismo.) Falou-se de Luís Eduardo, de desemprego, de reforma política, das regras do jogo político no Brasil, de fidelidade partidária. Provocou-se, com certa elegância. Muito

se perguntou sobre a utilidade das muitas divergências - pra não dizer brigas - nas quais o senador costuma se envolver com outras grandes figuras do cenário político nacional, como o recente bate-boca com o presidente da Câmara Michel Temer. Ao que ACM rebateu: "O que importa é perguntar: eu brigo pelas causas corretas ou não?". Novamente: em que seu notório *pavio curto* poderia, ao olhar do cidadão comum, representar uma contribuição para a melhoria da democracia no País? Dedo em riste, ACM citou Lacerda: "*Só porque eu enxergo antes, dizem que eu vejo demais. Não! Eu vejo demais porque vou ver a verdade e tenho coragem de pronunciá-la. Muitos não a têm.*" E aqui uma observação: mais que admiti-la apenas, o senador pareceu durante a entrevista querer reiterar a imagem de incisivo combatente da luta contra os problemas crônicos do Brasil - e deixar claro que, acima de tudo, seu estilo é inteiramente diferente daquele do presidente Fernando Henrique Cardoso, de índole mais conciliadora: "Ele ouve pessoas demais". Ainda que tenha insistido em demonstrar o profundo respeito que nutre por Fernando Henrique, ACM voltou a afirmar: "Se fosse presidente não agiria como ele - eu teria realmente agido com mais presteza em alguns casos." E: "Essa história de dizer que eu tenho muito poder no País é uma grande mentira; mas, se eu mandasse, seria diferente". Aos olhos do telespectador, diante disso, ficou a impressão inegável de que estas palavras traduzem claramente o prenúncio de uma candidatura possível e próxima à Presidência da República. Isso ele negou. Tudo bem, diriam alguns: para bom entendedor, meia palavra basta.

GRACE PERPÉTUO

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA